

CEU: UM SONHO DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Ticiane Silva RAYMUNDO¹

UNIFESP

Resumo

A conquista da qualidade na educação pública é um sonho almejado há muitos anos em nosso país. O projeto de construção dos CEUs busca responder a esse anseio. Em 2003, na cidade de São Paulo foram construídos os CEUs. O Centro Educacional Unificado (CEU) que será o objeto de estudo do presente trabalho, propõe-se uma discussão sobre a forma escolar e sua relação com as práticas educativas desenvolvidas na escola. Os CEUs representam uma tentativa na construção de uma educação popular de qualidade. Seus prédios oferecem a integração entre 3 unidades educacionais (CEI - Centro de Educação Infantil, EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil, EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental) além de contar com piscinas, quadras poliesportivas, teatro, tele-centro e biblioteca. Foi realizado um estudo de caso numa unidade do CEU, localizada na região leste da cidade. Os resultados encontrados apontam para a necessidade de melhor aproveitamento dos espaços na educação e a necessidade de inovações na prática pedagógica. Inovar a Escola significa a superação de “padrões” e de “modelos” fortemente difundidos em nossa sociedade, ir além de situações de aprendizagem pautadas na cópia ou em longas exposições orais. Ressignificar a escola, denota a intensão de oferecer mais e melhores oportunidades de aprendizagem. O CEU representa uma resposta positiva na busca da qualidade na educação. Porém, 10 anos de História não foram suficientes para conseguir concretizar seus propósitos. A qualidade na educação necessita de investimentos que estão além da construção de prédios, delineando-se assim, novas linhas de pesquisas educacionais.

Palavras-chave: CEU, qualidade em educação, práticas educativas

Introdução

A conquista da qualidade na educação pública é um sonho almejado há muitos anos em nosso país. Muitas foram as iniciativas em busca de concretizar o oferecimento de oportunidades de aprendizagem e cultura para a população carente.

¹ Pedagoga, Psicóloga, Aluna do Mestrado no PPG Educação e Saúde na Infância e Adolescência na UNIFESP, ticianeray@gmail.com

O projeto de construção dos CEUs passam por esse processo e é fortemente influenciado pelas escolas parques, idealizadas por Anísio Teixeira, em 1950. Em pleno período da Escola Nova, Anísio Teixeira reúne esforços em prol da escola pública. E segue para além do oferecimento de vagas para todas as crianças. Idealiza a construção de prédios no qual seja possível trabalhar com vistas ao desenvolvimento integral da infância. Propõe dessa forma, um espaço onde seja possível a aprendizagem formal, mas também a prática de esportes, a leitura e a vivência da arte.

Mais recentemente, entre os anos de 1980 e 1994, outras tentativas na construção de escolas com uma estrutura inovadora, tentaram garantir o tão sonhado padrão de qualidade. Porém sem alcançar o sucesso esperado.

Alguns anos mais tarde, em 2003 foram construídos os CEUs, que neste ano comemoram 10 anos de atividades ininterruptas.

O CEU representa uma nova tentativa na construção de uma educação popular de qualidade. Ele tem uma proposta inovadora, numa construção também diferenciada. Seus prédios oferecem a integração entre 3 unidades educacionais (CEI - Centro de Educação Infantil, EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil, EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental) além de contar com piscinas, quadras poliesportivas, quadras cobertas, teatro, tele-centro e uma biblioteca. Tudo isso instalado no mesmo prédio, trabalhando para atender a comunidade com uma visão integrada, favorecendo o acesso a um conjunto riquíssimo de experiências de lazer, cultura e educação.

“O CEU propiciará á população o acesso a Bibliotecas, Centros Culturais e Esportivos integrados aos CEIs, EMEIs, EMEFs, num complexo integrado, pensando em todas as suas dimensões, desde o projeto arquitetônico até o projeto político pedagógico do complexo, para que seja alegre e prazeroso e permita ressignificar o espaço escolar, onde aquele que ensina também aprende e aquele que aprende também ensina” (Peres, 2004 p 38).

Dessa forma, o CEU pode oferecer uma visão inovadora da educação, caminhando para além da transmissão de conhecimentos. A educação e, principalmente, a oportunidade de aprender, apreender, ver e pensar o mundo, pode estar para além dos muros escolares. Essa aprendizagem pode ser vivenciada pelo uso da internet e da tecnologia, pode ser experimentada por meio de um espetáculo teatral, enfim pelo uso de diferentes ferramentas de lazer, cultura e educação oferecidos por esse espaço.

Apresentar uma Escola Nova significa a superação de “padrões” e de “modelos” de escola fortemente difundidos em nossa sociedade, ir além de situações de aprendizagem pautadas na cópia ou em longas exposições orais. Ressignificar a escola, denota uma intensão

de oferecer mais e melhores oportunidades de aprendizagem. É sabido que aprendemos de diversas maneiras, e por que a escola continua oferecendo sempre as mesmas ferramentas para a aprendizagem?

É necessário então, que mais e mais inovações sejam trazidas para a escola, que novas linhas de pesquisa possam analisar e transformar as “formas escolares” tão difundidas, e já desgastadas.

De acordo com CANARIO, 2006, “Os sistemas escolares de hoje filiam-se a uma escola “inventada” nos finais do século XVIII (na transição das sociedades de Antigo Regime para a era moderna), portadora de três grandes novidades, cuja afirmação hegemônica conduziria a construção da nossa atual escola de massas.” P. 113

O autor aponta que a criação de uma instituição especializada em educação, transformou a escola “em um espaço e um tempo destinados a aprender”; o surgimento de uma relação pedagógica, na qual o professor ensina um grupo de indivíduos, simultaneamente; e a generalização de uma nova forma de socialização a partir dessa nova relação “professor e aluno” (CANARIO, 2006, P 114). Esse conjunto de fatores, em um cenário histórico específico (a revolução industrial e liberal) fizeram da educação por meio da escola uma ferramenta na criação de uma nova ordem política, econômica e social, ou seja, um importante instrumento na transformação social de um modelo rural, para o modo urbano e moderno, desenvolvido e industrializado, utilizado uniformemente, com uma forma hegemônica, com um poder de influencia tão grande, que pensa-se a forma escolar como única forma de educação possível.

VINCENT (2001) apresenta um estudo questionando se os problemas escolares demonstram ser esse o fim de um modelo de educação. Seus estudos demonstram que a escola foi construída em um cenário histórico que favoreceu sua universalização em diferentes contextos culturais e sociais. Essa afirmação também colabora para a necessidade de refletir o contexto em que a escola desenvolveu-se, massificou-se e conseqüentemente, porque atualmente vive uma crise ao apresentar-se inflexível e resistente a mudanças.

A análise oferecida pelo autor sugere que o formato escolar que conhecemos alcançou êxito pois atendia as necessidades e interesses da sociedade do início do século XX. Porém, será que esses interesses permanecem? A resposta é evidente. Diante de tantas transformações no último século, as expectativas educacionais não são as mesmas. Há que se pensar a necessidade da superação da forma escolar, questionando sua hegemonia e propondo caminhos para sua transformação.

TOMMASELLI (2009) retoma os estudos de VINCENT (2001), e afirma que a transformação e o crescimento da escola no Brasil, também acontecem em um momento específico de nossa história, a República. “Assim, a instituição escolar passava a ser compreendida enquanto um meio de transformar a realidade social do país e ajudar na construção da identidade nacional” p. 9

Também no Brasil a forma escolar se torna hegemônica. Modelo esse de socialização de toda a população, vista como a maneira correta de educar, de formar o cidadão. Enfim de construir um país urbanizado e moderno. Há uma iniciativa de universalização da educação formal, sob a forma escolar.

10 anos de História: O CEU é um sonho que se torna real?

A construção dos CEUs foram intensamente divulgada por todos os veículos de informação. A comunidade de educadores viu nascer uma nova estrutura, uma nova proposta de trabalho educativo. Muitos profissionais receosos, afastaram-se. Porém, um número ainda maior, enfrentou a insegurança do novo e dispôs-se ao desafio de concretizar o sonho da qualidade na educação.

Os CEUs foram construídos na cidade de São Paulo, em 2003, como parte integrante do projeto educacional que pretendia construir a “Cidade Educadora”, durante o mandato da prefeita Marta Suplicy.

Para a construção das unidades dos CEUs foram escolhidas áreas periféricas da cidade de São Paulo, após um estudo das áreas de maior concentração de pobreza e exclusão social, além de pouca ou nenhuma presença do poder público.

“Os CEUs não se destinam apenas aos alunos matriculados nas suas três unidades educacionais e não se limitam ao saber formal e escolar. Eles oferecem oportunidades educacionais não-formais para um conjunto maior de pessoas das camadas populares, historicamente excluídas. A população que os frequenta tem vivenciado experiências educacionais antes só oportunizadas aos mais privilegiados socialmente.” (PADILHA, 2004)

Dessa forma, pode-se afirmar que o CEU foi concebido como uma alternativa educacional a hegemônica da forma escolar, oferecendo oportunidades educativas e culturais na formação da população desfavorecida da cidade. A partir do exposto, há que se pensar que o CEU é concebido por uma idéia educacional que vai além da escolarização formal e, conseqüentemente, da forma escolar.

Porém, o presente estudo investigou o impacto dos espaços diferenciados do CEU sobre a cultura escolar. Será que ao possuir um espaço diferenciado, a forma escolar foi alterada? Essa é a pergunta que o estudo pretende responder.

De acordo com FILHO (2004), cultura escolar pode ser pensada como uma categoria para análise da educação brasileira. O presente estudo utiliza-se das contribuições de VIÑAO FRAGO, citadas por FILHO. Para o autor, “a cultura escolar recobre diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias... engloba tudo o que acontece no interior da escola”.

Dessa forma, a cultura escolar pode mudar de uma escola para outra, demonstrando a singularidade de cada unidade educacional. Essa categoria de análise pode apresentar, por exemplo, as dificuldades em relação as reformas educativas, aos aspectos do cotidiano, as apropriações do espaço e do tempo escolar, definindo diferentes perspectivas.

VIÑAO FRAGO, afirma ainda que “nestes estudos os pesquisadores buscam jogar luz sobre aspectos das relações dos espaços e tempos escolares com outros aspectos intrínsecos da experiência escolar, e ao mesmo tempo, buscam articula-los com os tempos e espaços sociais mais amplos”.

Como transformar o sonho em realidade?

Muitos foram os desafios de trabalhar em um espaço grande e inovador. Alguns professores chegavam a temer perder alunos naquele espaço que parecia gigantesco para crianças na 1ª ou na 2ª infância. O espaço oferecia o desafio de reinventar a educação pública e a possibilidade de renovar a prática pedagógica. Quantas possibilidades! Porém ao pensarmos em ferramentas, há que se analisar o uso que se faz de todos os instrumentos disponíveis.

Nesses 10 anos de funcionamento, o CEU ofereceu acesso a cultura que nunca tinha sido visto anteriormente na cidade de São Paulo. Nos palcos dos CEUs passaram espetáculos de qualidade, artistas de renome, oferecendo a oportunidade de acesso a cultura e espetáculos. Essa é uma iniciativa de democratização cultural, que com certeza tem o poder de transformar a vida das pessoas, ajudando a sonhar e almejar mais conhecimento e melhores oportunidades de vida.

É fato que nas comunidades periféricas o oferecimento de espaços e atividades de lazer é escasso. Porém com a construção dos CEUs essa situação foi transformada. Tudo isso transforma o CEU em um verdadeiro espaço para convivência para atender as crianças e jovens, assim como a população adulta também.

“As três secretarias no CEU devem seguir um paradigma de gestão democrática para que, sem perder a especificidade, venham a atuar convergindo para um só objetivo: possibilitar o crescimento humano dos alunos e de todos os que direta ou indiretamente se relacionam com a escola, contribuindo para a transformação da instituição escolar, da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida da comunidade” (PADILHA, 2004, p115).

Para conseguir a audaciosa meta de transformar a educação, com uma proposta de qualidade social, que além de oferecer uma escola de melhor qualidade, também luta pela diminuição da exclusão social, tão presente nas periferias, o CEU foi planejado com 4 grandes objetivos que devem nortear suas ações.

1. Desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, de jovens e adultos,
2. Desenvolvimento da Comunidade,
3. Valorização de Inovações Educacionais e de Formação Continuada,
4. Protagonismo Juvenil

Por meio da gestão participativa, onde todos (comunidade e administração pública) discutem as necessidades, decidem providências, usam as verbas em busca da melhor implementação dos projetos idealizados conjuntamente.

“Urge implementar projetos que possibilitem a reversão do quadro de exclusão racial, cultural, tecnológica e educacional. O CEU é uma das respostas, entre outras desta administração, ao problema da exclusão de um grande número de pessoas do acesso aos equipamentos públicos que oferecem lazer, cultura e prática esportiva, principalmente aos moradores dos bairros mais afastados do centro da cidade. Apostando nos resultados positivos da reversão da polaridade cultural existente na cidade de São Paulo, o CEU levará para os bairros periféricos espaços de cultura e lazer, hoje concentrados nas zonas centrais” (PERES, 2004, p. 37).

Dessa forma, a construção do CEU propõe-se a responder a questões de exclusão social, muito antigas em nossa sociedade. Seguindo para adiante de questões educacionais. Mas que ferramentas podem ser utilizadas para atingir esse objetivo? Como articular essas ferramentas a objetivos tão grandiosos e audaciosos?

Inicialmente, os CEUs apresentaram propostas diferenciadas para seu trabalho pedagógico. Porém, antes que os profissionais envolvidos se apropriassem dessa construção, que se envolvessem decididamente nas novidades oferecidas, aconteceram mudanças políticas que comprometeram a continuidade do trabalho iniciado.

Nas entrevistas realizadas nesse estudo, encontramos muitos relatos de medo ao iniciar o trabalho no CEU. Inventar uma nova prática pedagógica requer preparo profissional e coragem para enfrentar os obstáculos. Os professores que aceitaram esse desafio, eram professores comuns, concursados da rede municipal, como todos os outros professores. Eram

profissionais que ao ingressarem na Rede Municipal, escolheram trabalhar em um espaço novo.

Porém, ao chegarem nas unidades do CEU não havia orientação técnica sobre o que deveria ser desenvolvido na escola. Como fazer um trabalho novo sem preparo adequado? Como reinventar a escola em um espaço diferenciado, sem que haja uma discussão sobre isso?

Os professores defrontaram-se com esses questionamentos e muito mais. Infelizmente, a resposta encontrada para tantas questões estava relacionada a antigas práticas. Pouco a pouco, os CEUs transformaram-se em escolas comuns em espaços diferenciados. Ou seja, do lado de fora, quem observa o CEU, depara-se com representações da escola perfeita, sonhada e idealizada por todos nós. Porém ao transpor seus muros, ou melhor, suas portas e escadas, encontra-se uma escola como tantas outras, mesas enfileiradas, alunos dispersos, dificuldades de aprendizagem.

O primeiro desafio abandonado foi a integração entre as diferentes unidades educacionais. Cada unidade atende um público com idade e características diferentes, mesmo sendo moradores do mesmo bairro, das mesmas famílias, uma criança da CEI (Centro de Educação Infantil) tem necessidades bem diferentes de um jovem aluno da EMEF (Escola Municipal Ensino Fundamental). O fato da criança estudar no mesmo espaço, frequentar os mesmos espetáculos, não garante que ambos terão as mesmas experiências de aprendizagem. A experiência na escola é única para cada indivíduo.

O abandono desse desafio significou uma perda na qualidade do trabalho desenvolvido porque há alunos que cresceram dentro do espaço do CEU. Porém seus professores não conseguem aproveitar toda a riqueza dessa experiência, transformando a educação em um processo descontínuo. Persevera então as rupturas, do tipo “isso era de quando você era da EMEI, aqui na EMEF não é assim”. Essa situação deve confundir bastante nossas crianças, já que elas continuam estudando no “mesmo lugar”.

Na escola estudada, verificou-se a presença de conflitos em relação a identidade da instituição. Os funcionários reclamavam que a comunidade não compreende que a “EMEF é a EMEF”, querendo dizer que a escola não é o CEU.

Dessa forma, podemos pensar que a comunidade apropriou-se do significado do CEU, melhor que os profissionais da educação envolvidos. A comunidade que vive no entorno usa seu espaço cotidianamente. As pessoas vão até lá para fazer atividades físicas, assistir espetáculos, usar a biblioteca, ou até mesmo para sentar na área de convivência. Mas e os professores? Os alunos? O uso que fazem do espaço é bem mais restrito. Usam apenas o

espaço que é dedicado a EMEF, limitados por muros imaginários que estão fundamentados em práticas pedagógicas já ultrapassadas.

O conflito da indisciplina pode tornar-se ainda pior quando da janela é possível ver um dia bonito, uma piscina e alguém chama sua atenção por não escutar uma aula expositiva, por não copiar da lousa.

Um dia durante o trabalho de observação, eu acompanhava a aula de Educação Física, que surpreendentemente acontecia dentro da sala de aula. Enquanto isso, do lado de fora, na praça situada em frente ao CEU, havia uma aula de skate. Alunos usavam capacetes e todo equipamento de segurança e deslizavam pela pista. Ouviam com tranquilidade e atenção as orientações do professor e depois realizavam suas “atividades”. Que diferença da aula que acontecia dentro da escola! Isso não significa que uma aula de Educação Física não possa acontecer em um espaço fechado, como por exemplo, a sala de aula. Mas essa prática nos traz a possibilidade de refletir um pouco mais sobre os usos do espaço, e também das experiências que o espaço oferece a quem o utiliza.

O fato do CEU oferecer um espaço diferenciado sugere um trabalho inovador, mas não obriga que as situações pedagógicas sejam diferentes das situações oferecidas em outras escolas. Esse é o conflito vivenciado pelos alunos e professores da unidade estudada.

PENSAR MELHOR

Ao adentrar na EMEF situada no CEU, o aluno espera vivenciar nesse espaço experiências que não teria em outras escolas. As famílias também depositam ali grandes expectativas sobre o que seus filhos aprenderão. Porém, não é o que acontece na realidade. O CEU não é uma escola perfeita como todos imaginam. Apesar de um espaço tão grande, enfrenta dificuldades como todas as outras escolas, até mesmo de falta de espaço. E nessa contradição entre o grande e o pequeno, entre o perfeito e o imperfeito, que nascem um conjunto de conflitos que são vivenciados por todos os profissionais e alunos da escola.

Necessário se faz que o CEU retome as propostas inovadoras de educação. Que se utilize esse espaço para concretizar uma educação que vá além, como já foi dito antes. Não adianta a escola oferecer espaços, se estes não forem utilizados com objetivos pedagógicos. Em uma das entrevistas realizadas, verificou-se que os próprios professores não se apropriaram dos espaços, muitos nem conhecem algumas salas, como por exemplo a sala de artes, ou a quadra coberta.

Para melhor refletirmos sobre o uso dos espaços do CEU, gostaria de propor uma pequena história. Vamos então imaginar que eu ofereça um tablet (aparelho de tecnologia avançada) para uma criança de 3 anos de idade. Ela vai conseguir utilizar o aparelho? Você

pode me dizer que sim. Porém eu repetirei a pergunta. Ela vai conseguir utilizar o equipamento com todas as suas funcionalidades? Conseguirá utilizá-lo em sua plenitude? Talvez não, há que se pensar que mexer em algumas funções não significa utilizar em todas as suas possibilidades.

Semelhante acontece com os equipamentos disponíveis no CEU. Ele é um verdadeiro complexo educacional, por seu tamanho e potencial educacional. Porém, verificamos que é utilizada apenas uma parcela de tudo que ele oferece. É preciso que os profissionais que ali trabalham se apropriem do espaço, otimizando sua utilização.

O espaço não é educacional por si só, é preciso empreender, movimentar energias para construir aprendizagens significativas. O aluno tem curiosidade de explorar as possibilidades, utilizar outros espaços, jovens e crianças adoram novidades, coisas que mudem sua rotina, mas se não houver um professor que oriente, que potencialize as situações de aprendizagem, nada vai acontecer. E talvez seja isso que estamos vivenciando, um espaço grandioso sendo utilizado por “crianças” que não conseguem compreender toda a potencialidade que está diante deles. Os professores precisam experimentar os espaços do CEU, utilizar suas ferramentas primeiro para si mesmo, para depois conseguir aproveitar essa experiência nas atividades que propõe aos alunos. Será que uma pessoa que não frequenta uma biblioteca vai conseguir incentivar outra pessoa a utilizá-la? Será que uma pessoa que não conhece bem um espaço vai conseguir utilizá-lo adequadamente? Vai sentir-se seguro para enfrentar as dificuldades do cotidiano do trabalho do professor, como por exemplo a indisciplina?

Outra informação que foi colhida nas entrevistas foi que em outros espaços do CEU os alunos se comportam de maneira diferente da sala de aula. Alguns professores chegaram a citar que tem “medo” de sair com os alunos da sala de aula, pois sabem que ali conseguem controlar a situação. Mas na verdade, não é exatamente isso que acontece. Os professores encontram dificuldades em motivar os alunos para a realização de tarefas, e não é novidade que as situações de indisciplina tem dificultado o trabalho em diferentes escolas, em toda parte.

Há que se pensar na necessidade de construir bons prédios para a educação. Porém somente construções não irão transformar a educação. É preciso ir além. É preciso que juntamente com as construções sejam garantidas a preparação dos profissionais que irão atuar naquele espaço, e mais ainda, garantir que o trabalho iniciado terá continuidade. Uma árvore que é plantada hoje, necessitará de tempo para oferecer seus frutos. Semelhante ocorre com o sonho da qualidade na educação pública. Parece que 10 anos não foram suficientes para que os CEUs pudessem oferecer resultados significativos em relação as questões educacionais.

Considerações Finais

O CEU representa uma resposta efetiva aos processos de exclusão sofridos pela população da cidade. Porém, pode produzir um impacto ainda maior na vida das comunidades periféricas. É preciso que o CEU continue esse percurso iniciado, para que os próximos 10 anos indiquem ainda mais transformações. Há que se pensar que a qualidade na educação, tão sonhada, não foi ainda atingida, como todos esperavam. Há que se investir ainda mais, há que se trabalhar com ainda mais empenho, pois a realização de sonhos são construídos diariamente.

É o desejo de todos nós, trabalhadores da educação que a qualidade na educação pública seja uma realidade em todas as escolas. Mas é preciso que isso deixe de ser um sonho romântico, mas sim o resultado do empenho, do trabalho comprometido de toda a sociedade. Necessário se faz que mais e mais pessoas pesquisem a educação, aprimorando a prática pedagógica aqui desenvolvida.

Referências

- FARIA FILHO, Luciano Mendes. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da Educação Brasileira**. Educação e Pesquisa, SP, v 30, p. 139 a 159, Jan / abril 2004.
- FAZENDA, Ivani (Org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez, 2010.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, Líber Livro Editora, 2012.
- PADILHA, Paulo Roberto, SILVA, Roberto da (Org). **Educação com qualidade social: a experiência dos CEUs de São Paulo**, Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2004
- PERES, Maria Aparecida. **Proposta Pedagógica do CEU**. Publicação da Secretaria Municipal de Educação, 2004.
- TOMMASELLI, Guilherme Costa Garcia. **O esgotamento da forma escolar: crítica aos currículos escolares a partir de Adorno**. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v8, n2, nov, 2009.
- VINCENT, Guy, LAHIRE, Bernard, THIN, Daniel. **Sobre a história e a teoria da forma escolar**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n 33, jun/2001.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, Papyrus, 1998.